

central do projeto e deve dar aos pesquisadores a certeza de que as afirmações históricas podem ser ratificadas com documentação. A idéia original era incluir no site somente documentação referente à história, mas já foram pesquisados outros temas como música e literatura brasileira” explica Célia Zaher, coordenadora geral do projeto no Brasil. Para o historiador Célio Tasinafo, doutorando do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, esta é uma iniciativa excelente porque a digitalização de documentos os preserva no sentido material e garante acesso aos pesquisadores. Tasinafo destaca, entre os documentos agora acessíveis por meio do site, os manuscritos do período final do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Patrícia Mariuzzo

EDUCAÇÃO

Uso indiscriminado de jornais e revistas em escolas

Jornais e revistas entraram no cotidiano escolar nos últimos anos como forma de dinamizar as aulas e atualizar o conteúdo do material didático. Não existe, porém, uma discussão sistematizada do conteúdo das informações veiculadas por esses meios. Não se levam em conta o processo de produção e apuração das notícias, a sensacionalização e simplificação dos fatos assim como o critério de escolha das fontes jornalísticas e os interesses econômicos envolvidos na

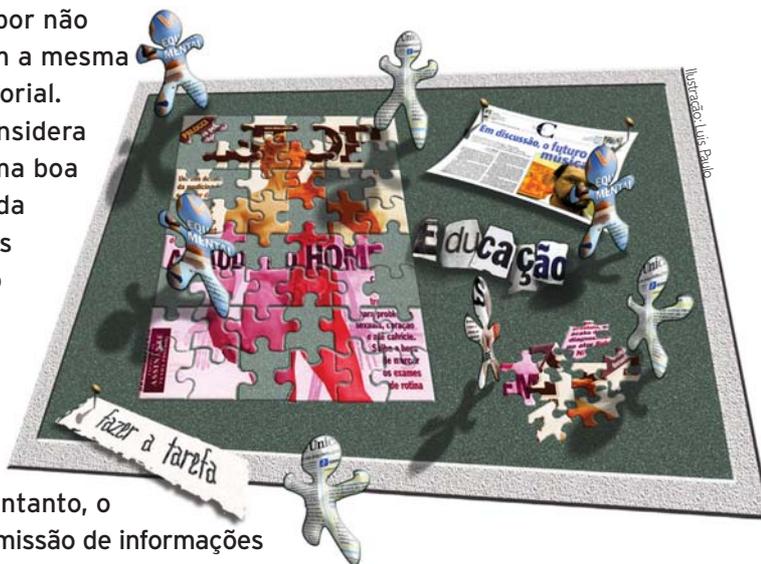
política dessas empresas. Além desse cenário acrítico de transmissão de conhecimento, não se elaborou ainda uma política específica de apropriação sistemática de tal material para uso pedagógico, por parte dos professores ou das escolas, aponta o pesquisador Juvenal Zanchetta Júnior, professor de metodologia de ensino da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis. Por falta de recursos disponíveis, tempo ou mesmo pela facilidade de obtenção, os professores acabam abordando, com frequência, questões específicas da imprensa de maneira problemática, de forma simplificada, esquemática, o que estimula estratégias quase mecânicas e pouco reflexivas por parte dos alunos, diz Zanchetta. “A comparação de uma mesma notícia em três jornais diferentes seria um ótimo exercício de como uma história pode ser contada de diversas maneiras, mesmo tendo os mesmos ingredientes”, diz o pesquisador, o que propiciaria uma discussão frutífera de outras questões como linguagem, estética, ética, entre outras. **CONTEÚDO** As matérias jornalísticas cumprem o papel positivo de atualizar conteúdos científicos, divulgando novas teorias e debates que os livros didáticos não conseguem

O MAIOR ACERVO DO MUNDO NÃO PÁRA DE CRESCER

A Biblioteca do Congresso foi fundada em 24 de abril de 1800 e possui um acervo de 128 milhões de itens. Pertence a ela, por exemplo, a maior coleção de mapas do mundo. Criada para ser fonte de pesquisa aos congressistas americanos, hoje ela atende a população em geral. Para alimentar esse acervo, a LOC (sigla em inglês de Library of Congress) mantém escritórios internacionais com a função de recolher e enviar livros para sua sede, em Washington DC. No Brasil, o escritório conta com uma equipe de 16 pessoas para selecionar livros, revistas e jornais de cinco países: Brasil, Uruguai, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. “Enviamos por volta de 25 mil itens por ano à Biblioteca do Congresso e mais 25 mil para várias universidades norte-americanas com interesse em história do Brasil”, informa a diretora do escritório brasileiro, Pamela Howard-Ringuindin.

acompanhar por não contarem com a mesma agilidade editorial. Zanchetta considera que essa é uma boa contribuição da imprensa, pois pode tornar o assunto mais atrativo e atualizado do que no livro didático.

Persiste, no entanto, o risco de transmissão de informações incompletas, incorretas e até deturpadas, fruto de linha ou determinação editorial que, muitas vezes, pecam pelo sensacionalismo, pela ligeireza das matérias e pela apuração pouco cuidadosa e viciada pelas mesmas fontes acessíveis de informação. "Até que ponto os jornais podem fazer essa divulgação sistematicamente? Como seriam, ainda, os processos de avaliação da pertinência desse material, sobretudo na escola?", questiona o pesquisador. Para Mariana Pezzo, pesquisadora em educação e diretora de comunicação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), os profissionais de jornalismo precisam entender sua atuação como potencialmente educativa e avaliar, sob essa perspectiva, a



qualidade de seu trabalho. Mariana aponta a necessidade de uma atuação jornalística mais abrangente e profunda para a divulgação científica. Um trabalho que vá além do momento final da produção do conhecimento científico, contextualizando essa produção na história da ciência. O argumento de que existem limites na produção jornalística - tempo e espaço disponível, condições impróprias para o aprofundamento, entre outras - é refutado pela pesquisadora. "Acredito que, em longo prazo, textos jornalísticos mais abrangentes serão fatores determinantes para a atração ou não do leitor por uma publicação", conclui.

Érica Speglich e Daniel Chiozzini

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Curso sobre energia para jornalistas

Um novo curso de jornalismo científico foi criado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, em parceria com a Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), além dos Departamento de Política Científica e Tecnológica, Multimeios e Mecânica da mesma universidade. Trata-se de um curso de extensão, com foco no setor energético. Entre os alunos, 28 profissionais de jornais, rádios e TVs da região de cobertura da CPFL. Desde o apagão em 2001, o tema energia recebe mais atenção da mídia. O fato forçou a população a tomar consciência da importância da energia em suas vidas e houve um aumento da procura por informações sobre produção, distribuição, custos, bem como de fontes alternativas de energia.

O curso pretende aumentar a qualificação dos jornalistas na área e terá duração de quatro meses, com disciplinas de jornalismo, análise do discurso, política científica e tecnológica, história da ciência, fontes de informação, além das focadas no setor energético. Foi baseado no modelo do curso de especialização em jornalismo científico, oferecido desde 1999, com seleção a cada dois anos. Outra derivação da especialização deverá ser o mestrado em jornalismo científico, que, em breve, será oferecido pelo Labjor.